

06/08/2024 17:28:00 - AE NEWS

CENÁRIO-2: REAL É A MELHOR MOEDA ANTE DÓLAR COM APETITE AO RISCO E PRECIFICAÇÃO DE ALTA DA SELIC

O dólar caiu aos R\$ 5,6574 (-1,46%) no segmento à vista nesta terça-feira. Um fator externo e outro interno levaram o real à melhor performance global contra a moeda dos Estados Unidos. No exterior, o dia foi de fôlego para os ativos de risco, passado um pouco do temor com a possível recessão americana e com o investidor corrigindo excessos da véspera. Localmente, o tom mais duro da ata do Comitê de Política Monetária (Copom) recolocou as apostas de alta de 0,25 ponto porcentual da Selic em setembro na curva do DI, que se tornaram unânimes, trazendo alívio ao câmbio pela eventual ampliação do diferencial de juros, especialmente pelo provável corte do Federal Reserve no mês que vem. A despeito dessa precificação do mercado, os departamentos econômicos ainda seguem prevendo unanimemente Selic parada em 10,50% na próxima reunião, segundo pesquisa do Projeções Broadcast. A forte alta dos juros futuros inibiu ações cíclicas, que contiveram o Ibovespa. O índice terminou o dia aos 126.266,70 pontos (+0,80%), valorização mais tímida que os pares americanos S&P 500 (+1,04%) e Nasdaq (+1,03%). Mas os papéis de bancos se sobressaíram na Bolsa brasileira, com destaque mais uma vez ao Bradesco (ON +3,42% e PN +3,31%), na esteira do balanço publicado ontem, e ao Itaú Unibanco (+2,22%), que divulga seus números logo mais.

- [CÂMBIO](#)
- [JUROS](#)
- [MERCADOS INTERNACIONAIS](#)
- [BOLSA](#)

CÂMBIO

A recuperação do apetite ao risco no exterior e o tom duro da ata do Comitê de Política Monetária (Copom) derrubaram o dólar no mercado doméstico na sessão desta terça-feira, 6. Em baixa desde a abertura dos negócios e com mínima a R\$ 5,6313 no início da tarde, a moeda americana fechou cotada a R\$ 5,6574, em queda de 1,46%. Ontem, no auge do estresse lá fora, o dólar havia superado pontualmente os R\$ 5,85, atingindo os maiores níveis desde março de 2021.

Com a diminuição dos temores de recessão nos EUA, investidores abandonaram o refúgio dos Treasuries e voltaram aos mercados acionários. As bolsas asiáticas se recuperaram e os índices em Nova subiram mais de 1%. O iene caiu cerca de 0,60% em relação ao dólar - o que aliviou a pressão sobre divisas de países de juros altos, abaladas nos últimos dias pelo desmonte das operações de carry trade financiadas na moeda japonesa.

O real ostentou o melhor desempenho entre as principais divisas globais. Além de uma correção técnica, a moeda brasileira foi beneficiada pela sinalização do Banco Central de que pode elevar a taxa Selic. Além de eventual ampliação do diferencial de juros interno e externo, uma vez que o Federal Reserve deve cortar a taxa básica americana em setembro, há um ganho de credibilidade da política monetária com o discurso uníssono do Copom.

O economista-chefe da Western Asset, Adauto Lima, observa que a moeda brasileira se beneficiou hoje de uma melhora do ambiente externo, com recuperação das bolsas e avanço das taxas dos Treasuries, o que mostra menor aversão ao risco.

"Mais o ponto principal foi a ata do Copom bem mais dura, sugerindo que houve um debate sobre alta dos juros. Essa mudança no tom da política monetária provocou o fortalecimento maior da nossa moeda", afirma Lima.

Divulgada pela manhã, a ata do Copom trouxe um recado claro de que há possibilidade de elevação da taxa

09/Ago/2024 17:52

Selic em breve, algo que não identificado por analistas no comunicado de quarta-feira passada, 31, quando o colegiado decidiu manter a taxa Selic em 10,50% ao ano.

Após do alerta para o "cenário é marcado por projeções mais elevadas e mais riscos para a alta da inflação", a ata traz um trecho claro de que os integrantes do Copom estão alinhados em torno de seus próximos passos: "o Comitê, unanimemente, reforçou que não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado".

Para o economista da Western, caso os próximos indicadores mostrem que não há um quadro de desaceleração aguda da economia americana, amparando uma estratégia de redução gradual dos juros pelo Fed a partir de setembro, é possível que o Banco Central brasileiro opte por uma elevação da taxa Selic. Isso porque o quadro doméstico é de crescimento acima do esperado, mercado de trabalho aquecido e expectativas desancoradas, como pontuado pelo Copom na ata.

"O real está muito depreciado e pode se recuperar. Mas é preciso lembrar que diferencial de taxa de juros é um elemento e não necessariamente o mais importante. Precisamos de uma retomada da credibilidade da política fiscal, além de um cenário externo de menor aversão ao risco", diz Lima.

O economista-chefe do Banco Master, Paulo Gala, ressalta que um corte de juros nos EUA e a continuidade do movimento de "correção" das ações de big techs podem ser positivos para os ativos domésticos. Ele afirma que tanto as taxas americanas elevadas quanto o apetite por ações de tecnologia estavam drenando recursos de países emergentes.

"O Brasil continua sendo uma alternativa boa e barata. A moeda brasileira se valoriza bastante hoje", diz Gala, acrescentando que a ata do Copom mostra que o país "está no limite" de entrar em um ciclo de alta da Selic. "Este Copom que está aí não vai ter dúvida em subir os juros. O Brasil cresce mais do que se imaginava, graças às transferências sociais, que estão gigantes". (Antonio Perez - antonio.perez@estadao.com)

17:27

Dólar (spot e futuro)	Último	Var. %	Máxima	Mínima
Dólar Comercial (AE)	5.65740	-1.4631	5.71300	5.63130
Dólar Comercial (BM&F)	5.5866	0		
DOLAR COMERCIAL FUTURO	5671.000	-1.1332	5729.000	5647.000
DOLAR COMERCIAL FUTURO	5684.500	-1.3793	5700.000	5684.500

Volta

JUROS

A pressão sobre o mercado de juros aumentou à tarde, levando as taxas de longo prazo, que mais cedo rondavam a estabilidade, à trajetória firme de alta. O movimento foi conduzido pelo exterior, especialmente pela ampliação do avanço dos rendimentos dos Treasuries, com o yield da T-Note voltando a mirar os 4%. A ponta curta e o miolo da curva subiram ainda com mais força, chegando a abrir mais de 30 pontos-base nas máximas. O ajuste à ata "hawkish" do Copom foi turbinado por fatores técnicos e a aposta de aperto da Selic na reunião de setembro voltou a prevalecer.

09/Ago/2024 17:52

Às 17h11, a taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2025 estava em 10,700%, de 10,587% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2026 subia de 11,22% para 11,54%. A do DI para janeiro de 2027 avançava a 11,68% (de 11,44%) e a do DI para janeiro de 2029, de 11,71% para 11,80%.

Os mercados como passaram hoje por uma tentativa de normalização das condições, após o forte nervosismo que atingia os ativos de risco desde o fim da semana passada. A correção na curva dos Treasuries começou tímida, mas ganhou impulso à tarde após o leilão de US\$ 58 bilhões em T-notes de 3 anos com demanda abaixo da média. A taxa do papel de 10 anos chegou a até 3,90%.

O estrategista-chefe da Monte Bravo, Alexandre Mathias, vê o movimento como uma correção do "flight to quality" que derrubou as taxas americanas na semana passada a partir da narrativa do temor de recessão nos EUA que, na sua visão, é equivocada. "O que está acontecendo no Japão explica muito mais o movimento de saída do risco do que os indicadores nos EUA, que mostram sim uma desaceleração da economia, mas estão longe de mostrar recessão", disse. Por isso, acrescenta, o comportamento do iene e quanto o juro da T-Note se afasta dos 4% serão termômetros importantes para acompanhar as condições do mercado.

As intervenções no câmbio e o aperto monetário promovidos pelo Banco do Japão (BoJ) fortaleceram o iene, o que puxou expressivo desmonte de posições de carry trade, com o impacto relevante em moedas emergentes, também transbordando para outros ativos.

Assim que o processo de desalavancagem estiver concluído e o Federal Reserve iniciar o ciclo de afrouxamento nos EUA, "o investidor voltará a olhar ativos de risco com mais carinho", completou Mathias.

Esse contexto, se confirmado, tende a estancar a piora do câmbio, com boas perspectivas para a melhora das expectativas de inflação, que compõem o balanço de riscos do Copom. A ata da reunião de julho trouxe que vários membros ressaltaram a assimetria desse balanço. O Comitê, unanimemente, reforçou que não hesitará em elevar a Selic para assegurar a convergência da inflação à meta se julgar apropriado. Portanto, o dólar em níveis mais razoáveis poderia suavizar esse risco. A moeda fechou hoje em baixa de 1,46%, aos R\$ 5,6574.

Na curva, as apostas de alta da Selic dispararam, não somente em função da ata, mas também resultado do movimento de zeragem de posições vendidas, que ganhou fôlego no meio da tarde, o que acaba pesando na precificação. Para o Copom de setembro, a aposta de aumento de 25 pontos-base foi totalmente recomposta, com 100% de probabilidade, ante 80% de chances vistas na parte da manhã e 60% de probabilidade ontem. Para o fim de 2024, a curva mostrava taxa de 11,40% e um orçamento total de 168 pontos até julho de 2025.

Já os economistas mostram uma postura menos radical. Pesquisa do Projeções Broadcast com 45 casas mostra unanimidade em torno da estabilidade da Selic no próximo Copom. Para o fim do ano, 42 preveem manutenção, duas esperam queda e uma, aumento.

"O ciclo de alta de juros segue menos provável. Embora a taxa de câmbio, sim, seja a principal variável que determinará as expectativas de inflação e, portanto, a necessidade de maior vigilância por parte do BC, acreditamos que a reunião de setembro tem baixíssimas chances de alta de juros neste atual nível da taxa de câmbio (R\$ 5,65)", afirma Álvaro Frasson, economista do BTG Pactual. Ele destaca que a possibilidade de início do ciclo de corte de juros pelo Federal Reserve ganhou mais corpo desde a última reunião do Copom e o cenário-base do banco é de manutenção da taxa em 10,50% para o final de 2024. (Denise Abarca - denise.abarca@estadao.com)

[Volta](#)

MERCADOS INTERNACIONAIS

A recuperação do sentimento de risco ganhou força em Wall Street ao longo da tarde, e as bolsas de Nova York estenderam os ganhos de mais cedo, com Nasdaq e S&P 500 avançando mais de 1%. Em dia com poucos drivers, investidores tiveram um respiro para se posicionar após a intensa liquidação de ontem, enquanto ponderam que os riscos de recessão nos EUA não são tão elevados quanto se pensava. Com o alívio das pressões, o apetite se transmitiu ao mercado de commodities, e o petróleo voltou a subir após três pregões de queda. Na renda fixa, os retornos dos Treasuries voltaram a subir e aceleraram os ganhos depois de um leilão de T-notes de 3 anos com demanda fraca; e no câmbio, o dólar avançou contra moedas desenvolvidas.

Conforme avalia a Oxford Economics, a reação dos mercados com uma possível recessão americana foi muito exagerada nos últimos dias. Segundo monitoramento próprio da consultoria, os riscos de recessão aumentaram com os dados mais recentes sugerindo que a economia dos EUA está mais fraca, mas os indicadores apontam para uma desaceleração da atividade, e, por ora, nada mais complexo do que isto.

"Foi uma típica terça-feira da reviravolta", escreve o chefe de pesquisa de mercados do Forex.com Matt Weller. Ele afirma que os mercados passaram todo o fim de semana incubando uma reação severa ao payroll dos EUA divulgado na sexta-feira. Então, a reação foi descabida e, agora, "as cabeças estão mais frias", e prevalece um cenário de reversão de boa parte do movimento.

Com isso, os juros dos Treasuries continuaram corrigindo tombo recente hoje, com o retorno da T-note de 2 anos voltando a ficar acima de 4% na máxima intraday. O dólar, que ontem caía, hoje subiu; e as bolsas de Nova York, que ontem amargaram o pior dia do Dow Jones e do S&P 500 desde 2022, hoje subiram mais de 1%.

Ian Lyngen, do BMO Capital Markets, pondera que a alta dos juros dos Treasuries hoje acompanhou a consolidação das apostas do mercado, segundo o CME Group, de que o Federal Reserve (Fed) cortará juros em 100 pontos-base neste ano, o que ele considerou um cenário muito mais realista do que o que se acreditava ontem, de que o Fed reduziria juros em 1,25 ponto porcentual.

Pela tarde, o movimento altista dos rendimentos também se acentuou após o leilão de US\$ 58 bilhões em T-notes de 3 anos registrar demanda fraca. O juro da T-note de 2 anos subia de 3,883% no fim da tarde ontem para 3,982% nesta tarde. O da T-note de 10 anos avançava de 3,774% para 3,894% e o do T-bond de 30 anos passou de 4,061% para 4,192%.

Hoje, as bolsas de Nova York abriram tímida e oscilaram ao longo do pregão. Foi durante a tarde que os índices se consolidaram no azul, intensificando o movimento de correção. No S&P 500, todos os 11 índices fecharam no azul, com destaque para os setores imobiliário e de tecnologia, que conduziram a alta.

Para o City Index, a queda do índice de volatilidade VIX dá um respiro para os investidores dos negócios acionários, visto que a alta aos níveis mais altos desde 2020 forçou investidores a liquidarem suas posições para reduzir a exposição ao mercado. Porém, a instituição avalia que o tombo de NY ontem pode ter impulsionado investidores a recomprar as ações por preços mais baixos. No fechamento, o Dow Jones subiu 0,76%, aos 38.997,66 pontos; o S&P 500 avançou 1,04%, aos 5.240,03 pontos; e o Nasdaq ganhou 1,03%, aos 16.366,85 pontos. Enquanto isso, o VIX caía 28,16%, a 27,71 pontos.

No mercado de câmbio, o dólar respirou após a queda de ontem e subiu contra moedas desenvolvidas, pausando o rali do iene, que ganhou forte terreno desde a última semana. Mesmo assim, o Lombard Odier ressalta que o movimento de força da moeda japonesa enquanto ativo de segurança deve continuar no curto prazo. Enquanto isso, o dólar atingiu máximas contra a libra em um mês, e também avançou contra o euro. Perto do fechamento de Nova York, o dólar subiu a 144,72 ienes; o euro recuou a US\$ 1,0930; e a libra caiu a US\$ 1,2692. O índice DXY, que mede a força do dólar contra moedas fortes, subiu 0,27%, aos

102,969 pontos.

No petróleo, a força do dólar conteve parte dos ganhos, mas a commodity fechou no azul hoje após três pregões de queda. Investidores hoje monitoraram os desdobramentos no Oriente Médio, enquanto o Hezbollah conduz ataques de drones contra Israel, e as Forças Armadas de Israel devolvem investidas. Também inserindo pressões altistas aos preços, hoje uma importante estação petrolífera na Líbia anunciou que reduzirá a produção por tempo indeterminado, em consequência de manifestações políticas violentas que assolam a região. Na New York Mercantile Exchange (Nymex), o petróleo WTI para setembro fechou em alta de 0,36% (US\$ 0,26), a US\$ 73,20 o barril, enquanto o Brent para outubro, negociado na Intercontinental Exchange (ICE), fechou em alta de 0,24% (US\$ 0,18), a US\$ 76,48 o barril. (Gabriel Tassi Lara - gabriel.lara@estadao.com)

[Volta](#)

BOLSA

O índice Bovespa adentrou a tarde desta terça-feira recuperando o nível dos 126 mil pontos, na esteira dos ganhos firmes das bolsas de Nova York e da melhora no desempenho de ações ligadas a commodities. O grande destaque, assim como na primeira etapa do pregão, ficou para o setor financeiro, com a ação preferencial (PN) do Itaú Unibanco subindo mais de 2% à espera do balanço do segundo trimestre de 2024, a ser divulgado após o fechamento. Já ações cíclicas lideram o vértice negativo, pressionadas pela inclinação na curva de juros após ata do Comitê de Política Monetária (Copom) mais hawkish (dura).

"Na parte da tarde, o Ibovespa conseguiu avançar com mais contundência, seguindo a aceleração da alta dos índices americanos", avalia Eduardo Plastino, analista de renda variável da Alta Vista Research. Ele aponta que as bolsas de Nova York operaram em forte recuperação, com investidores tentando apagar o movimento de risk-off da véspera.

O maior responsável pela alta do Ibovespa em pontos (+0,17 ponto porcentual), Itaú PN fechou com avanço de 2,22%. "Como o Bradesco entregou um bom resultado ontem, o mercado aposta que Itaú deve vir com bom resultado também", afirma Rodrigo Moliterno, sócio fundador da Veedha Investimentos. Bradesco, por sua vez, estendeu o rali da véspera e subiu 3,42% (ON) e 3,31% (PN).

O Prévias Broadcast aponta que o Itaú deve apresentar lucro líquido de R\$ 9,987 bilhões no balanço do segundo trimestre deste ano. O resultado, se confirmado, será 14,2% maior que o do mesmo período de 2023, e 2,2% acima do visto no primeiro trimestre deste ano.

Para Moliterno, da Veedha Investimentos, a melhora do Ibovespa na parte da tarde também ocorreu porque as ações mais associadas a commodities, que de manhã estavam mais fracas, "começaram a andar". Petrobras, por exemplo, subiu 2,09% (ON) e 1,74% (PN), seguindo o desempenho do petróleo Brent (+0,24%, a US\$ 76,48 por barril), de olho em tensões no Oriente Médio e perspectivas globais.

Já Vale, que cedia pela manhã, inverteu o sinal e avançou 0,51%, acompanhando bom humor e pares no exterior. O Broadcast apurou que a Justiça do Trabalho de Itabira (MG) determinou que a mineradora faça a emissão de novo Perfil Profissiográfico Previdenciário (PPP, documento que carrega o histórico do profissional, incluindo registros do ambiente de trabalho) para um grupo de empregados que trabalham na zona de autossalvamento (ZAS) da barragem Conceição, em Itabira.

Ainda assim, "o dólar em queda [-1,46%, a R\$ 5,65] e o recuo do minério (-1,42% em Dalian), reduzem o ímpeto do setor de Mineração & Siderurgia, limitando o que poderia ser uma alta ainda mais expressiva do Ibovespa no pregão de hoje", pondera Plastino, da Alta Vista. No setor metálico, CSN ON (-0,70%) liderou as perdas.

O campo vermelho do Ibovespa foi liderado por Vamos (-10,03%, na mínima intradia de R\$ 8,07), que

09/Ago/2024 17:52

apresentou um resultado consolidado negativo no segundo trimestre de 2024, "marcado principalmente pelo aumento da inadimplência, pela queda na margem com venda de ativos, pela performance do segmento Concessionárias e pela queda na rentabilidade medida pelo ROIC Spread", segundo o BB Investimentos.

Em seguida, aparecem setores mais sensíveis a juros e de empresas mais alavancadas, como os de varejo, educação e construção: GPA (-7,17%), Petz (-5,09%), Yduqs (-4,38%) e MRV (-3,78%). Tais ações foram mais prejudicadas pela inclinação da curva de juros, após ata do Comitê de Política Monetária (Copom) considerada hawkish (dura), segundo Plastino, da Alta Vista.

Apesar do tom mais hawkish em relação ao comunicado, a ata da reunião de julho do Copom manteve a percepção majoritária do mercado de que a Selic deve permanecer estável em 10,5% até o final do ano, conforme prevê a ampla maioria das casas consultadas pelo Projeções Broadcast.

O Ibovespa fechou em alta de 0,80%, aos 126.266,70 pontos, ante mínima de -0,01%, aos 125.261,37 pontos, e máxima de 1,35%, aos 126.966,28 pontos. O giro financeiro foi de R\$ 22,4 bilhões. Na semana, o índice acumula queda de 0,96%; e no mês, de -1,09%. (Caroline Aragaki - caroline.aragaki@estado.com)

17:26

Índice Bovespa	Pontos	Var. %
Último	126266.70	0.7960
Máxima	126966.28	+1.35
Mínima	125261.37	-0.01
Volume (R\$ Bilhões)	2.25B	
Volume (US\$ Bilhões)	3.99B	

17:27

Índ. Bovespa Futuro	INDICE BOVESPA	Var. %
Último	126435	0.2577
Máxima	127250	+0.90
Mínima	125340	-0.61

[Volta](#)